

# RESISTÊNCIAS JUVENIS:

## é fácil ocupar? Relato de experiência da ocupação na UFRRJ/IM.

.....  
Bárbara Almeida<sup>01</sup>.  
Karine Dias<sup>02</sup>.  
Leandro dos Santos<sup>03</sup>.

**Resumo:** O foco principal deste relato foi pensar de que modo o pacote de reformas antipopulares de Michel Temer desencadeou uma série de movimentos de resistência popular em todo país, evidenciando o caso da luta estudantil a partir do relato de experiência das estudantes que participaram do processo de ocupação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) no final do ano de 2016, tratando especificamente da ocupação do Instituto Multidisciplinar (IM), campus de Nova Iguaçu. **Palavras-chave:** Ocupação; Movimentos Juvenis; Movimento Estudantil.

**Abstract:** The main focus was thinking how Michel Temer's antipopular reform package unleashed a series of popular resistance movements across the country, highlighting the case of the students struggle based on the report of students who participated in the process of occupation at the Federal Rural University of Rio

de Janeiro at the end of 2016, specifically dealing with the occupation of the Multidisciplinary Institute, Nova Iguaçu's campus.

**Keys words:** Occupation; Young movements; Student movement

### 1. INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E DISCUSSÃO CONCEITUAL INICIAL

Sem trabalho, sem luta, o conhecimento livre do comunismo, adquirido em folhetos e obras comunistas, não tem absolutamente nenhum valor, uma vez que não faria mais que continuar o antigo divórcio entre teoria e prática. (LÊNIN, 2005, p. 11)

Parece sugestivo que nossa epígrafe traga uma reflexão de um dos mais famosos autores e revolucionários marxista. Isso sem dúvida demarca o lugar do qual observamos a realidade e dá indícios para o (a) leitor (a) sobre os próxi-



01 Estudante do curso de Pedagogia da UFRRJ/IM. Membro do grupo de pesquisa Currículo, Cultura e Política, vinculado ao CNPq. Membro do Centro Acadêmico de Pedagogia Andarilhos da Autonomia (barbara.ditecfenig@gmail.com).

02 Estudante do curso de Pedagogia da UFRRJ/IM. Membro do grupo de pesquisa Currículo, Cultura e Política. (karineddcufrrj@gmail.com).

03 Professor de Política e Organização da Educação do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ/IM. Graduado em Ciências Sociais, mestre em Educação e Doutorando em Educação. Co-líder do grupo de pesquisa: Currículo, Cultura e Política (marxcsco@gmail.com).

mos movimentos que o texto irá assumir.

Quando Lênin (2005) profere essas palavras, ele fala diretamente à União das Juventudes Comunistas organizada na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), no início do século XX, ao proferi-las indica que à juventude cabe a tarefa de criar novos valores, de construir uma nova sociedade, pautada em princípios diferentes daqueles que, segundo ele (LÊNIN, 2005), orientavam a vida social na Rússia antes da Revolução de 1917. Por que o revolucionário soviético delega à juventude essa tarefa? Exatamente pelo fato de que a mesma ainda não introjetou completamente o sistema, sendo diante dele um ponto de resistência. Mas isso só poderá se materializar com o fim da disjunção entre teoria e prática.

A juventude é o lugar da tensão, da contradição. Quando falamos em tensão e contradição, fazemos referência ao potencial de mudança que ela carrega. Esse potencial não significa, diferentemente do que pensava Lênin (2005), um movimento ou adesão natural ao pensamento de esquerda ou direita, mas que ela traz consigo um grande potencial para mudança. Tendo em vista que, enquanto fase da vida ou enquanto conceito passível de estudo, a juventude se afirma como um período marcado por grandes e constantes mudanças.

Nesses termos, se a juventude é uma fase da vida marcada por constantes transformações, deve-se observar também que essas transformações devem ser estudadas e entendidas como fruto de um processo histórico-social, já que os papéis sociais que assumem são definidos dessa forma. Em outros termos, não existe inclinação social, à priori, a uma ou outra corrente de pensamento ou perspectiva de realidade, esse processo de adesão se dá por conta da ação política que assumem como protagonistas. Isso significa que não basta conhecer na teoria para aderir, é preciso protagonizar.

Dito isso, e considerando a juventude enquanto um coletivo complexo e heterogêneo, nossa pretensão não é analisar o seu protagonismo político em geral, mas apenas a atuação política de um grupo de estudantes do Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), durante o processo de ocupação estudantil do Campus Nova Iguaçu no final do ano de 2016. Para tanto, além da discussão teórica geral, nosso texto vai trazer fragmentos de descrição do processo de ocupação, já que as co-autoras desse texto fizeram parte de todo processo. Assim nosso esforço vai

ser mostrar como as estudantes ocupantes se formaram no processo de aproximação entre teoria e prática política.

## 2. LUTA E RESISTÊNCIA DAS ESTUDANTES AOS ATAQUES NEOLIBERAIS NO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR (IM / UFRRJ): O RELATO DE QUEM ESTEVE NO FRONT.

O dia 31 de agosto de 2016 representa, neste relato de experiência, o início, ou retorno, das movimentações políticas juvenis para a luta contra retrocessos.

Neste dia foi aprovado no Senado o impeachment da presidenta Dilma

pelo Partido dos Trabalhadores (PT) como uma ruptura profunda com as perspectivas políticas, econômicas, sociais, culturais e ideológicas do governo de Fernando Henrique Cardoso, nem do governo de Michel Temer. Durante a era PT tratou-se de um neoliberalismo um pouco menos ortodoxo, e a seção plenária da Câmara dos Deputados do dia 31 de agosto abriu um novo ciclo; O neoliberalismo assumiu



**SE POR UM LADO O CONVÍVIO COLETIVO GEROU CONFLITOS, A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO CAMPO DE ATUAÇÃO PROPORCIONOU A UM GRUPO DE ESTUDANTES, QUE AINDA NÃO HAVIAM PROTAGONIZADO NADA DO TIPO, UM INTENSO AMADURECIMENTO POLÍTICO...**

Rousseff (PT), e vale destacar que diferente do que muitos defendem o impedimento da presidenta não será tratado aqui como um golpe de estado de natureza parlamentar, como exposto na obra organizada por Ivana Jinkings, Kim Dória e Murilo Cleto (2016). Isso porque nunca entendemos os governos Lula e Dilma, liderados

no-  
vamente a sua face ortodoxa e intensa no processo de reforma do Estado brasileiro iniciado nos anos de 1990.

O que Michel Temer fez ao assumir foi propor ao congresso nacional um vasto pacote de reformas, Emendas Constitucionais e alterações legais, que criaram um cenário nebuloso, pois a “marolinha” (fazendo referência a uma fala do presidente Lula acerca da crise financeira de 2008), havia se transformado em tsunami. Nesse momento as classes populares começaram a sofrer retaliações diretas e precisaram se posicionar.

Ressurgiram diversas propostas arbitrárias

e ataques à classe popular, que embora pensadas no Governo Dilma, ainda não haviam sido aprovadas, como a Medida Provisória da Reforma do Ensino Médio (MP nº 746), defendida pelos membros do movimento Escola Sem Partido e mais a frente o Proposta de Emenda Constitucional que criaria um teto para os gostos públicos provenientes da união e seus estados federados (PEC 241/55) que fez efer-



**... NOSSA LUTA ESTAVA UNIFICADA, GREVE ESTUDANTIL, GREVE DOS TÉCNICOS E GREVE DOCENTE, E CONTARIA TAMBÉM COM OCUPAÇÃO DESTES PROFESSORES (AS) QUE VOTARAM A FAVOR DE UMA GREVE QUE OCUPARIA TAMBÉM OS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE EM CONJUNTO COM OS (AS) ESTUDANTES.**

ves-  
cer mais uma vez movimentos e grupos sociais, motivando inicialmente as organizações sindicais, Uniões de juventude, partidos e pessoas “independentes” (não organizadas partidariamente), a irem às ruas para lutar pela revogação dessas medidas antissociais que, em nossa percepção e de uma parte considerável das organizações políticas ligadas ao pensamento de esquerda, representariam uma ruptura democrática.

No processo de mobilização social, os secundaristas iniciaram as ocupações nos colégios públicos de educação básica e impactaram a sociedade por sua força, resistência e esclareci-

men-  
to político.  
A ocupação dos estudantes secundaristas, que foram postos a escanteio por serem julgados despolitizados, foi por muito tempo o assunto principal das grandes mídias – embora muitas vezes apresentado de forma pejorativa, as grandes mídias evidenciaram e expuseram um movimento extremamente relevante e até então desconhecido pela maioria – e reuniões estudantis, nas quais pautávamos a falta de formação e posicionamento político e embate por parte dos universitários. Sem dúvidas, uma das grandes motivações da ocupação no Instituto Multidisciplinar foi a ocupação das escolas.

Concomitantemente, algumas Universidades Públicas iniciaram as mobilizações internas, como assembleias estudantis, para instaurarem as ocupações. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), os embates e frentes de

luta não foram minoritários. No Instituto Multidisciplinar (IM), as reuniões se organizaram em torno do “conselhinho”, que serviram para unificar os discursos e compreendê-los, e era composto por representantes dos mais variados centros e diretórios acadêmicos atuantes no Instituto que pautaram as necessidades e pontos de vista de cada curso.

### 3. A CONVOCAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS ESTUDANTIS.

No dia 25 de outubro de 2016 estudantes do Campus de Seropédica convocaram uma assembleia com pauta sobre a situação política e possível ocupação e no mesmo dia ocuparam o P1, que é o prédio principal do campus central e ao longo dos dias ocuparam os outros Institutos e alguns precisaram ser trancados, pois não havia contingente de pessoal suficiente para iniciar a ocupação.

Haja vista a situação política que estávamos vivendo e também a situação interna do Campus de Nova Iguaçu - que vivenciava a greve dos técnicos em defesa da Educação Pública de Qualidade e também por pautas internas como salários atrasados dos terceirizados - foi convocada, por três estudantes do curso de Licenciatura em História do Instituto Multidisciplinar (IM), uma assembleia extraordinária para falar da possibilidade de ocupação do Instituto e da necessidade de posicionamento político frente às retaliações que estávamos sofrendo.

Foi questionada a legitimidade desta primeira assembleia, visto que, segundo alguns estudantes, não houve tempo hábil para a organização de todos os (as) estudantes e muito menos para a mobilização política dos Centros e Diretórios Acadêmicos. Na tentativa de solucionar tal problemática foi convocada pelo Movimento Estudantil, que a essa altura já havia se corporificado, em diálogo com o Comitê de mobilização (composto por estudantes, professores (as) e técnicos (as)), uma assembleia para o dia 1 de novembro de 2016, com tempo hábil para organização, o que proporcionou a mobilização de estudantes para convocação de assembleias próprias de cada curso a fim de discutir a possível ocupação e assim consolidar informações e posicionamento da maioria dos (as) estudantes. Nesse momento o famigerado trabalho de base foi posto em prática.

É preciso destacar que essa foi

quantitativamente falando, a primeira grande assembleia vista no Instituto Multidisciplinar (IM), com um total de 477 estudantes (número de assinaturas registradas). Na ocasião foram abertas falas aos estudantes que expressaram suas respectivas opiniões a respeito da possível ocupação e os representantes dos Centros e Diretórios Acadêmicos explicitaram o posicionamento de cada curso de acordo com as assembleias e abaixo assinados apresentados, como foi o caso do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia que não convocou assembleia por considerar o posicionamento a favor da ocupação majoritário.

Dado o posicionamento dos estudantes a favor da ocupação e a anuência de 9 dos 11 cursos ofertados no Instituto, com exceção dos cursos de Administração e Licenciatura em Matemática, o Instituto Multidisciplinar (IM) foi ocupado com, aproximadamente, 35 pessoas disponíveis para passar a primeira noite.

#### 4. COTIDIANO DURANTE OCUPAÇÃO.

No dia 2 de novembro aconteceu a primeira assembleia pós-ocupação, que tinha uma pauta composta por 5 pontos: 1 – balanço da assembleia de ocupação/aprovação de nota pública; 2 – definição das comissões e seus membros; 3 – configuração da greve estudantil; 4 – escala/horários (cronograma diário); 5 – proposta de atividades. A reunião foi longa, aberta a falas e contou com a presença de estudantes que não haviam dormido na noite anterior na Universidade. Foram votadas as comissões de segurança, alimentação, formação de atividades, infraestrutura, comunicação, relações externas, limpeza, combate às opressões e a comissão do Ocupinha (espaço pensado para as crianças da comunidade acadêmica que participou da ocupação, mas também da comunidade do entorno).

A ocupação seguiu, com uma dificuldade inicial imensa, visto que ainda contávamos com um final de período vigente, uma longa e árdua discussão entre parte dos docentes e ocupantes que, por conta da greve estudantil, votaram não permitir a realização de qualquer atividade de natureza acadêmica, como aulas, atividades administrativas ou de pesquisa, com exceção das atividades de extensão que

ficaram fora do hall de proibições.

Além do embate travado com alguns docentes, um grupo de estudantes se organizou em torno do movimento de desocupação, popularmente chamado de Desocupa – IM. Esses estudantes tentaram forjar situações problemas, como filmagens indevidas dos (as) estudantes e muitos outros, com o objetivo de desqualificar o movimento de ocupação.

A comissão de segurança se fez intensamente necessária inicialmente para fechar todos os acessos alternativos de entrada e supervisionar a entrada pelo acesso principal na rampa, condicionando o acesso a identificação, assinatura e acompanhamento de um (a) estudante ocupante. Havia rondas e escalas para dar conta de todas as demandas, cada comissão ocupou uma sala de aula segundo suas necessidades. Todas começaram a produzir de acordo com suas funções e fomentar a ocupação como um todo.

A comissão de relações externas também foi solicitada com maior rigor inicialmente, pois havia emergência de diálogo com os funcionários da empresa de limpeza, para esclarecer os motivos que os impediriam de acessar seu local de trabalho, com a equipe de seguranças, para estipular horários, entradas e saídas e afins, com a reitoria, diretores e docentes, além de estabelecer comunicação com outras ocupações e externos relevantes.

Após dias intensos, tencionados e movimentados por estudantes e docentes na universidade, a greve dos Docentes foi votada e aprovada no dia 11 de novembro de 2016 o que esvaziou a universidade quantitativamente, mas nos apoiou enquanto categoria de luta. A essa altura nossa luta estava unificada, greve estudantil, greve dos técnicos e greve docente, e contaria também com ocupação destes professores (as) que votaram a favor de uma greve que ocuparia também os espaços da Universidade em conjunto com os (as) estudantes.

As atividades foram pensadas por comissões e contou com alguns professores que honraram com a votação e ocuparam conosco. Foram feitas rodas de diálogo com temas relevantes de natureza política e social, mesas de debate

que discutiram a situação do país, “cine debate” com diversas temáticas, atividades culturais e de extensão. Além da construção de atos e caravanas, como a de Brasília (29/11/2016) - onde fomos massacrados (as) -, considerando a essência de luta para além de paredes institucionais. Contrariando o senso comum que classificava como “vagabundos (as)” e leigos (as) os e as estudantes que ocuparam, esses momentos proporcionaram a integração entre diferentes pessoas com diversas formas de pensamentos, teorias e conhecimentos. As trocas e as crises constroem o conhecimento.

Todas estas atividades foram divulgadas via eventos, e-mail, página e facebook próprios da ocupação. De todas elas, destacamos o Ocupinha que foi, sem dúvidas, a maior aquisição, sem interesses pessoais e totalmente político/social, que a ocupação fomentou. Através das atividades fixas do Ocupinha mostramos uma perspectiva diferente de educação e à quem ela deve servir. Crianças do entorno da Universidade, bem como filhos (as) de estudantes e professores (as), adentram as portas da Universidade ouvindo que ali era o lugar delas. Aqueles crianças que antes ficavam apenas a observar de longe os muros da Universidade puderam correr, conhecer salas, brincar, aprender e interagir com um mundo que antes lhes parecia distante e inalcançável. Não há dimensão para descrever o quão relevante e político foi o ato de permitir que crianças ocupassem a Universidade.

Foram longos, estressantes, emocionantes e intensos os dias de ocupação. Em alguns dias contamos com o restaurante universitário (uma das aquisições da ocupação foi a “catraca livre” em horário reduzido de almoço, de segunda a sexta), em outros dependemos da doação de alimentos para nos alimentarmos, o que significa dizer que por muitas vezes não nos alimentamos.

Árduos foram os dias de limpeza, pois foi neste movimento de ocupar e ter por responsabilidade limpar que percebemos e valorizamos cada terceirizado (a), mal pago e desvalorizado (a) da limpeza. No dia que recebemos um pedido de Liminar por parte do Ministé-

rio Público Federal que falava a respeito de uma possível desocupação coercitiva, justificado em destruição de patrimônio público, nós não dormimos após decidirmos, em uma reunião que acordou a todos da ocupação às 4 horas, desfazer as barricadas, descobrir as câmeras e afins. Foram muitas as tensões similares a esta. Mas não há arrependimentos quando pensamos na principal motivação que nos levou a ocupar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PÓS OCUPAÇÃO.

Foram muitos os momentos ame-drontadores que vivemos dentro da Universidade. Mas politicamente analisando, o período em que o Instituto Multidisciplinar (IM) permaneceu ocupado, foi de muito crescimento político social e desconstrução de conceitos postos socialmente para a maioria. A autogestão da Universidade e da luta nos formou.

Só é possível fazer uma leitura coerente deste momento porque estávamos lá e vivenciamos cada segundo. Vivemos os momentos de tensão e ficamos esgotadas física, emocional e psicologicamente, mas também vivemos os momentos de construção política, estreitamento de laços e desconstruções que alteraram quem somos hoje.

A ocupação proporcionou aprofundar as discussões a respeito de educação, política, militância. Além de tornar crítica a análise de muitos acontecimentos que outrora passaram despercebidos. Como a tentativa de emparelhamento das lutas e, como de costume de algumas correntes da esquerda, a tentativa de inviabilizar a construção autônoma, sem núcleos hierarquizados para as tomadas de decisão principais acerca de determinadas temáticas. Bem como nos permitiu enxergar a

lógica de funcionamento administrativo da Universidade, o que nos deu um roteiro de embates que deveríamos seguir pós ocupação.

Se por um lado o convívio coletivo gerou conflitos, a organização política no campo de atuação proporcionou a um grupo de estudantes, que ainda não haviam protagonizado nada do tipo, um intenso amadurecimento político, evidenciando no plano discursivo e organizacional, a leitura da realidade assumiu outros contornos e a cada dia que passavam em ocupação nos qualificávamos enquanto agentes políticos. Isso nos mostra um aprofundamento nos níveis de consciência acerca da realidade política e social do país. O que nos leva a crer que o processo de formação proporcionado pela ocupação segue uma lógica semelhante a trabalhada na obra de Marx (1978), quando trata da passagem da consciência em si, segundo ele uma consciência elementar baseada naquilo que a realidade quer nos revelar, e a consciência para si, ancorado na problematização acerca daquilo que a realidade nos revela, com a adesão voluntária a um processo de mudança no qual somos orgânicos politicamente.

Essa ocupação possibilitou a caracterização do conto de fadas que existe inerente aos movimentos sociais, partidos e sindicatos, e elucidou a necessidade de se unificar as lutas e se por a causa acima de pautas singulares.

Ao ocupar sabíamos da mínima chance de barrar a aprovação da PEC 55 e o que nos motivou e acredito a muitas outras esperanças, porém não otimistas, foi o fato de acreditarmos no poder da luta e da resistência. Algumas demandas internas do Campus – votadas e aprovadas em assembleia que seriam também motivações da ocupação – foram atendi-

das, ou minimamente ouvidas, o que nos confortou no momento da desocupação, no dia 15 de dezembro de 2016 que foi deliberada e votada em assembleia.

A ocupação do Instituto Multidisciplinar (IM) não conseguiu obter sua maior pauta, mas motivou a instauração e fortaleceu o Movimento Estudantil vigente até os dias atuais. É inquestionável o papel fundamental que a ocupação teve para que hoje o Movimento Estudantil continue ganhando forças e enfrentando lutas internas e externas à Universidade de forma a continuar ocupando espaços e combatendo arbitrariedades em macro e micro escalas.

A formação política de cada universitário (a) que vivenciou a ocupação é inegável. O instituto ganhou uma nova geografia para nós. E o Movimento Estudantil pôde ganhar novos rostos e somar forças.

A considerar o adormecimento dos movimentos sociais durante o governo PT, a ocupação do Instituto Multidisciplinar (IM), UFRRJ, e outras universidades, bem como colégios de educação básica, foi uma das maiores ações diretas contra as arbitrariedades aprovadas no ainda vigente governo de Michel Temer. Ousamos dizer que devemos pegar como exemplo e relembrar o sentimento que tomou conta dos (das) estudantes ocupantes e agir. É preciso discutir, refletir, fazer análises conjunturais, esclarecer a população e “ler para quem não sabe ler”, mas é essencial que o “gigante” acorde de verdade, se mobilize e se posicione dura e diretamente frente à situação política de nosso país. Nosso 2016.2 não acabou e o combate às arbitrariedades deste governo autoritário e neoliberal não podem cessar e se tivermos que ocupar mais uma vez a Universidade, lá estaremos. Não há tempo a perder, uni-vos!

### Referências Bibliográficas:

- JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LENIN, Vladimir. **As tarefas Revolucionárias da juventude.** São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- OLIVEIRA, Francisco. Política numa Era de Indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele Saliba (orgs.). **A Era da Indeterminação.** São Paulo: Boitempo, 2007.